
GÊNERO E SEXUALIDADE NA ATENAS CLÁSSICA: AS OBRAS DE ARISTÓFANES COMO FONTES PARA A ANÁLISE DE PROBLEMÁTICAS ATUAIS

Luiz H. Bonifacio
FFPNM-UPE/Leitorado Antigo
e-mail: luizhenrique_bc@hotmail.com

Pretende-se apresentar neste trabalho as peças gregas clássicas, especialmente as comédias de Aristófanes, como fontes históricas para abordar a cultura dos antigos gregos na sala de aula, expondo a problemática que gerou a sua utilização, a metodologia usada e os aspectos realçados daquela cultura que são importantes para a civilização ocidental. Afinal, muitos elementos da nossa cultura vêm da antiguidade clássica. Além disso, espera-se expor a importância da utilização das peças gregas na sala de aula para a discussão de problemáticas atuais que já estavam presentes no cotidiano grego e passaram o tempo, chegando aos nossos dias, como são as questões ligadas à sexualidade.

Segundo Circe Bittencourt, ao invés de um estudo simplesmente mnemônico, onde o aluno apenas decora o assunto, “o papel do estudo dos fatos históricos deveria estar relacionado ao desenvolvimento de outros aspectos da inteligência, tais como o raciocínio, imaginação construtiva, julgamento crítico, etc” (BITTENCOURT, 2008, p. 90). Neste sentido, a utilização das comédias e tragédias gregas na sala de aula estimularia uma participação mais significativa dos alunos, atraindo-os a interessar-se pelo estudo histórico-crítico, estando dentro das novas propostas de inovação do ensino de história que exigem uma articulação maior entre método e conteúdo para que a disciplina cumpra uma função de crítica social e política. A partir uso das peças gregas na sala de aula, tanto em leituras como em suas interpretações pelos alunos, a proximidade com a cultura grega torna-se mais real do que apenas com o uso do livro didático. Desse modo, os alunos formam conclusões sobre o período estudado, auxiliados pelo professor.

Porém, mesmo com algumas iniciativas em prol da mudança na concepção sobre o ensino de história, em geral, o quadro é preocupante. A problemática do ensino da História Antiga nas escolas brasileiras não é nova. País sem longa tradição na área, o Brasil desenvolveu uma método de repetição de fatos sobejamente conhecidos nos seus livros didáticos e em suas aulas, sem que houvesse um efetivo desenvolvimento dos temas e das problemáticas.

Com a recente valorização da renovação do ensino da História Antiga, tem bastante relevância um ensino que se propõe a abordar este período da história de uma forma mais sensível, como o é a leitura – ou releitura – das peças gregas, que possibilitam ao aluno a criação de métodos lúdicos próprios para a compreensão do tema. Segundo Pedro Paulo Funari,

As estratégias de sala de aula incrementaram-se muito, nos últimos anos, mas há recursos já conhecidos e que buscam incentivar o aspecto lúdico da atividade intelectual e que devem ser incrementados. Fornecer e orientar o desenvolvimento de um tema a ser pesquisado e indicar caminhos lúdicos de reflexão revela-se uma estratégia excelente. [...] No ensino médio [e no fundamental], tanto mais se poderá usar de recursos lúdicos e pedagógicos, como podem ser as leituras dramáticas de comédias latinas ou gregas adaptadas para isso.

Uma leitura dramática envolve tanto os alunos que se apresentam como os que assistem à apresentação. Exige uma pesquisa sobre a obra, autor, contexto histórico e social, desenvolve os talentos dos leitores dramáticos e produzem efeitos muitíssimo duradouros nas mentes dos educandos. (FUNARI, 2005, p. 101)

Logo, as leituras das peças gregas clássicas se encaixam em uma abordagem atualizada e que propõe fazer com que o alunado sintam-se mais atraído a participar das aulas de História Antiga, compreendendo melhor uma das culturas mais importantes para a fundamentação de nossa sociedade. Como afirma Circe Bittencourt (2008, p. 117), os recursos imagéticos são mais apreensíveis pelos alunos, por isso, o “efeito muitíssimo duradouro”, do qual aborda Funari em seu estudo. Além disso, estudar questões ligadas ao cotidiano torna-se mais atraente para o alunado atualmente por fazer abordagens mais fáceis de serem imaginadas pelo educando, ao contrário do que acontece geralmente nas aulas de História Antiga.

O debate sobre os diferentes papéis sociais é, hoje, questão central, não apenas da educação, mas da sociedade como um todo (SPENCER, 1999). Por isso, é necessário formular-se propostas de ensino e de produção bibliográfica que abarquem, não só o conhecimento do passado, pois ele existe apenas para e à medida que serve ao presente. Deve-se promover produções que valorizem o conhecimento historiográfico vinculado às questões que afligem a sociedade no nosso momento histórico, fazendo, para isso, abordagens comparativas. As comédias gregas, portanto, se estabelecem como um importante auxílio para a compreensão do valor da História Antiga na sala de aula para podermos entender melhor o funcionamento da nossa própria civilização, pois abordam os problemas e as características das vivências diárias dos antigos gregos, possibilitando uma comparação com a nossa cultura para observar no que difere a pessoa grega, em seus detalhes, das pessoas dos nossos dias¹.

Além disso, há, atualmente, “uma crescente necessidade de comparação intercultural simples e inevitavelmente por causa do grande aumento da comunicação internacional e intercultural” (RÜSEN, 2008, p. 116). Esta abordagem comparativa, dando valor à razão histórica², nos permite pensar nos anseios gerais da nossa cultura, ajudando a compreender melhor as nossas relações sociais, pois podemos analisar de forma mais significativa os traços que não dizem respeito diretamente a nós mesmos, ou, pelo menos, pensamos não dizer respeito, como é o caso da análise da cultura grega.

A sexualidade é, atualmente, um tema essencial e bastante debatido nas relações humanas (KATZ, 1996). Por isso, debater as questões da sexualidade, como preconceito e diferenças entre gênero, a homoafetividade, o papel do agente feminino, entre outras abordagens da sexualidade, contribuem para o adolescente fixar-se mais na aula de História Antiga porque, além de diminuir o formalismo de uma história dada e acabada,

¹ Segundo Roger Chartier, “A investigação não tem, portanto, de estabelecer se a pessoa, na Grécia, é ou não é, mas de procurar o que é a pessoa grega antiga, no que é que ela difere, na multiplicidade dos seus traços, da pessoa dos nossos dias” para que haja uma interação real entre o mundo em que os alunos vivem e o mundo antigo. Ver: CHARTIER, Roger. A história cultural – entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002, p. 45.

² A razão histórica, no ponto de vista do pós-modernismo de Hayden White, é composta por conceitos como metáfora, metonímia, sinédoque e ironia, além de estar relacionada aos modos de argumentação do historiador (que seria formalista e contextualista), e também às ideologias (anarquista, radical, conservadora ou liberal). Segundo Jörn Rüsen, a razão histórica é formada por elementos funcionais e estruturais da narrativa. Cf. RÜSEN, 2008, p. 127.

irão ser abordados, assim, aspectos da antiguidade que, geralmente, são dúvidas presentes entre os jovens: os aspectos da sexualidade. Afinal, sempre que o professor adentrar a sala de aula lidará com estas questões.

Segundo Paulo Freire (2005, P. 89-91), uma educação problematizadora é aquela que valoriza, na essência da ação do diálogo educador-educando, a reflexão da palavra. A palavra torna-se assim uma ação que interage reflexivamente tornando-se práxis. Assim, o que se pode fazer com a utilização das peças gregas na sala de aula é refletir acerca das suas possibilidades historiográficas junto aos alunos para formar neles uma análise crítica.

A pesquisa que deu origem a esse trabalho surgiu de um projeto de extensão universitária no qual alunos do curso de História da Universidade de Pernambuco interpretam e apresentam peças gregas, fazendo um festival de peças como no mundo antigo, contando como parte da nota da disciplina de História Antiga II, que versa sobre antiguidade greco-romana. Após estas apresentações há um debate sobre os aspectos mais ressaltados nas peças, gerando tanto nos alunos que apresentam quanto nos que assistem uma maior compreensão desses aspectos, além de contribuir para a qualificação profissional do educador, pois até este observa de forma mais significativa as problemáticas presentes nos textos antigos com as apresentações.

A aplicação deste método no ensino básico faz-se importante porque valoriza vários aspectos intelectuais dos educandos, além de instigá-los a interessar-se mais pelo conteúdo estudado, que muitas vezes é de difícil compreensão devido aos métodos expositivos utilizados normalmente, que os afastam do conteúdo.

A leitura crítica da peça *As Nuvens*, de Aristófanes (encenada pela primeira vez em 423 a. C.), faz-se uma reflexão rica em detalhes da cultura grega apreensíveis na sala de aula. Há várias nuances ressaltadas na referida peça que podem ser analisadas conjuntamente entre professor e alunos, além da possibilidade de apresentação por um grupo e reflexão geral da turma, na sala de aula, como um método pedagógico de inovação no espaço da classe.

Na referida peça, o autor procura fazer alguns protestos a questões cotidianas que ele não concordava na Atenas do final do século V a. C. e que eram problemáticas gerais da população ateniense. Mas antes de analisar o texto é preciso saber que Aristófanes era um ferrenho crítico dos políticos e dos valores recém-surgidos com a guerra do Peloponeso; enfim, um conservador. Por isso, é de grande valia sua obra, pois realça a vontade da população pobre, que na maioria das vezes é espremida sob o jugo dos ricos aristocratas³. A peça critica a Guerra do Peloponeso, que marcou profundamente toda a Hélade. Além das mudanças resultadas da guerra; faz uma reflexão sobre a filosofia pré-socrática e a socrática, além de explicar os métodos educacionais dos filósofos. Assim, é de grande valia analisar este texto na sala de aula com os alunos.

Aristófanes satiriza também a posição da mulher na sociedade e faz referência, por vezes, aos papéis homoafetivos na sociedade em que viveu. Esses são dois temas de bastante relevância atualmente, além de serem problemáticas mais atraentes para os adolescentes, instigando sua participação e compreensão do conteúdo. Sobre a opressão

³ Definindo Aristófanes, Claude Mossé afirmou que ele, “[...] para falar dos camponeses e de sua miséria, usava de tons sinceros e convincentes. Foi premiado com a coroa de louros em diversos concursos, o que, em todo caso, é significativo de seu prestígio junto ao *demos*.” MOSSÉ, Claude. Dicionário da civilização grega. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 43.

ao agente feminino, podemos compreendê-la levando-se em consideração as vivências tradicionais dos gregos clássicos [incluindo aí o próprio Aristófanes, que, como citado anteriormente, era conservador].

Para entender o processo que levou à submissão e opressão das mulheres na sociedade ateniense, chegamos à conclusão de que está ligada às formas de exibição do corpo, especificamente o masculino, excluindo-se o feminino, pois o costume de exibir o corpo foi iniciado com as guerras que afligiram a Hélade, sendo, portanto, campo especificamente masculino. Segundo Lessa (2003, p. 49), as práticas esportivas – que são uma forma de exibir a cultura física, de expor o corpo como um artifício de poder social – estão intimamente ligadas à masculinidade. Ainda segundo o mesmo autor, na sociedade grega, o esporte influenciava como o indivíduo se enxergava e como as relações de gênero se configuravam. Portanto, a divisão de gênero era uma separação mais que física, social, baseada nas relações de poder.

Sobre os papéis homoafetivos, podemos observar, ainda na peça *As Nuvens*, como em outras do autor, que ele satiriza o papel do educador, na figura de Sócrates, aproveitando para criticar as idéias deste, fazendo contra ele a acusação de pederastia passivo. Era bastante comum, na Grécia Clássica, que o tutor tivesse relação sexual com seu aluno; acreditava-se que assim era uma forma de amadurecer o educando, para ele absorver com mais veemência o conhecimento e poder se formar um cidadão preparado para aptidões das mais diversas. Porém, era reprimida a subversão do aluno, aproveitando o professor para manter um caso amoroso com o jovem [o que muitas vezes acontecia], pois este deveria apenas ser iniciado à vida adulta.

Além disso, é ressaltada na mesma peça comentada a diferença entre os métodos educativos tradicionais, a filosofia, e os métodos então modernos, novos, o sofisma. Com a comparação entre os dois o autor mostra que o corpo, a beleza, a força, enfim, a cultura física-corporal era bem valorizada naquela sociedade⁴. Chega-se a esta conclusão traçando um paralelo entre a fonte (a peça grega – *As Nuvens*) e as bibliografias existentes sobre a temática, divulgando e analisando estes resultados junto aos alunos. Por isso, a fonte é fundamental na sala de aula para o estudo da cultura grega. Segundo Vanessa Ferreira de Sá Codeço, “Nas origens, a cultura física estava ligada às necessidades da vida militarizada [...] Em tempos de paz, a educação gínmica tinha objetivos de construir o corpo do atleta e fazê-lo desejar e ser desejado com honra” (CODEÇO, 2008, p. 52).

Entre os gregos antigos, a nudez dos corpos distinguia os fortes dos vulneráveis e evidenciava quem era civilizado; sendo muitas vezes associada à democracia. Esta forma de governo dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase atribuída à nudez, isto porque, o ato de se exibir confirmava a sua dignidade de cidadão, reforçando os laços cívicos entre os atenienses [homens]. (LESSA, 2009, p. 136)

⁴ “Olhar para o corpo é procurar decifrar uma outra linguagem que fale da sociedade, de sua dinâmica, de seus conflitos e de suas mazelas. Um dos desafios do historiador da antiguidade é indagar, pesquisar, criticar e fazer nascer a História Antiga do diálogo entre o antigo e o moderno, [...]. Assim, problemas urgentes do mundo contemporâneo, como a questão do corpo, trazem, para o âmbito da História Antiga, campos de visibilidade da vida social ainda inexplorados; e esta visibilidade nos ajuda a compreender, através do encontro com a diferença, nossos próprios caminhos e opções.” THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; LESSA, Fábio de Souza. Olhares do Corpo: Objetivos e agradecimentos. In: THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; LESSA, Fábio de Souza (orgs.). Olhares do Corpo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 7.

O estudo da História Antiga baseado nas fontes se faz, portanto, um método eficaz de aprendizado, onde o estudioso não depende especificamente das conclusões historiográficas de outrem, que não necessariamente tinha as mesmas inquietações históricas de quem a estuda agora. Abordar as temáticas da antiguidade [no nosso caso, da Grécia Antiga], sob o olhar, não só das análises historiográficas, mas sob a confrontação destas com as fontes disponíveis é muito mais eficiente para formar no estudioso uma visão crítica sobre o que estuda.

BIBLIOGRAFIA

1 – Documentação:

ARISTÓFANES. As nuvens; Só para mulheres; Um deus chamado dinheiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

2 – Bibliografia:

BITTENCOURT, Circe. Ensino de História – fundamentos e métodos. São Paulo: Cortês, 2008.

CHARTIER, Roger. A história cultural – entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

CODEÇO, Vanessa Ferreira de Sá. Modelo de Cidadania e Modelo de Educação: A paideia Idealizada pelos filósofos. In: Gaífa. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga/UFRJ, ano 5, 2008, pp. 40-64. ISSN: 15178919.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História & ensino de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo. A renovação da História Antiga. In: KARNAL, Leandro (Org.) História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 95-107.

KATZ, Jonathan Ned. A invenção da heterossexualidade. Rio de Janeiro; Ediouro, 1996.

LESSA, Fábio de Souza. Gênero, relações de poder e esporte em Atenas. In: Anais III encontro nacional e II internacional de história antiga e medieval do Maranhão. 2009, pp. 131-146.

_____. Corpo e Cidadania em Atenas Clássica. In: THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; LESSA, Fábio de Souza (orgs.). Olhares do Corpo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 48-55.

MOSSÉ, Claude. Dicionário da civilização grega. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

RÜSEN, Jörn. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, Jurandir (org.). A história escrita: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 115-137.

SPENCER, Colin. Homossexualidade: uma história. Rio de Janeiro: Record, 1999.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; LESSA, Fábio de Souza (orgs.). Olhares do Corpo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.